



FREI ALBERTO FOERST: CONJUNTURAS INESPERADAS NA REGIÃO MISSIONÁRIA DE PARANAÍ-PR.

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3612

Leide Barbosa Rocha Schuelter, UEM

Resumo

Temos por proposta apresentarmos narrativas que foram produzidas por um missionário alemão denominado Frei Alberto Foerst, que no ano de 1954 é enviado ao Brasil para auxiliar no trabalho de institucionalização do catolicismo na região de Paranaíba-PR. Esse religioso tem três artigos que foram publicadas na Alemanha e traduzidos e recompilados na coletânea "As aventuras de 3 missionários alemães em Paranaíba (2001)". Nesse livro há um artigo que demanda atenção por seu conteúdo atípico, já que os demais artigos produzidos por este apresentavam o cotidiano da região missionária os avanços e retrocessos do projeto civilizacional empreendido por freis carmelitas alemães na região missionária. Neste trabalho nos propomos a pensar o artigo intitulado: "Algumas aventuras dos missionários, para tecermos algumas considerações acerca do discurso produzido e sua conotação que mesclam aspectos ficcionais com a realidade vivenciada por este. Como aporte teórico utilizaremos entre outros, o conceito de estratégia (CERTEAU, 1994).

Palavras Chave:

Frei Alberto Foerst;
Paranaíba-PR; carmelitas.

Introdução

A intencionalidade deste texto é tecer algumas considerações acerca do texto “Algumas aventuras dos missionários¹, escrito pelo Frei Alberto Foerst, carmelita, alemão que no ano de 1954 foi enviado ao Brasil para auxiliar Frei Ulrico Goevert², na região missionária de Paranavaí-PR³. Ao longo do tempo de estabelecimento da ordem carmelitana na região missionária, os freis carmelitas⁴ escreveram cartas e artigos que foram publicados na revista religiosa *Karmelstimmen*⁵. Posteriormente essa documentação foi traduzida, recompilada e publicada de maneira impressa ou

digital no Brasil por Frei Wilmar Santin⁶.

Frei Alberto Foerst, juntamente com Frei Ulrico, foi o missionário que mais tempo permaneceu no Brasil; foram 55 anos em terras brasileiras, tempo esse dividido entre Paraná e Mato Grosso do Sul. O missionário chegou em 1954 e retornou a Alemanha em 2009, vindo a falecer no dia 01 de novembro de 2014.

No ano de 1985 na tentativa de abrir uma nova frente missionária, Frei Alberto foi transferido de Paranavaí-PR para Dourados-MS. Nessa localidade exerceu função de vigário-geral da diocese, e em 1988, foi nomeado bispo coadjutor, ao lado de Dom Theodardo Leitz. Em 1990 foi nomeado bispo e veio a exercer essa função até o ano de 2001, quando resignou, permanecendo como bispo emérito da diocese.

Segundo entrevista realizada com Frei Jerônimo no dia 06/03/2014, o retorno de Frei Alberto a Alemanha, ocorreu em virtude dos vários problemas de saúde: “Na Alemanha ele teria um bom atendimento médico, além de estar próximo de sua família. No ano de 2011 foi diagnosticado um câncer em seu intestino” (BRODKA, 2014).⁷

Em Paranavaí, Frei Alberto foi responsável pela introdução do Cursilho, do Movimento Familiar Cristão (MFC), do Treinamento da Liderança Cristã (TLC), da Juventude em Ação Mariana (JAM) e das Comunidades Eclesiais de base (CEB's).

O livro *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*, tem como primeiro artigo “Algumas aventuras dos missionários”, de autoria de Frei Alberto

¹ Texto publicado na revista *Karmelstimmen*, em outubro de 1954. Título original: “Noch ein missionsbericht”

² Frei Ulrico chegou ao Brasil, especificamente a Recife-PE, em 1936, com a incumbência de abrir uma frente missionária que fosse tutelada pela Província Carmelita de Bamberg.

³ Paranavaí, município localizado na região noroeste do Estado do Paraná, é a 24ª maior cidade do Estado em número de habitantes com uma população de 80.590. Disponível em: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, Cidades. Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411840&search=parana|paranavai>. Acesso em: 15/08/2017

⁴ De 1951 a 1976, a administração da Província Carmelita de Bamberg enviou 15 religiosos para atuarem no Comissariado Carmelita do Paraná: Frei Ulrico (1951), Frei Henrique (1952), Frei Boaventura Einberger (1953), Frei Burcardo Lippert (1954), Frei Alberto Foerst (1954), Frei Bruno Doepgen (1956), Frei Matias Warneke (1958), Frei Rafael Mainka (1961), Frei Joaquim Knoblauch (1962), Frei Jerônimo Brodka (1963), Frei Justino Stampfer (1965), Frei Afonso Pflaum (1966), Timóteo Schorn (1967), Frei Agostinho Wolf (1968) e Frei Paulo Pollmann (1971) (KNOBLAUCH, 1976, p.05-06).

⁵ A revista *Karmelstimmen* mudou de nome, e na atualidade chama-se *Karmel-Kontakt*. O periódico está disponível no endereço eletrônico:

<http://www.karmeliten.de/aktuelles/karmelkontakt/index.html>. Acesso 18/08/2017

⁶ Frei de nacionalidade brasileira, pertence a Ordem dos Carmelitas da Antiga Observância. Nasceu na cidade de Nova Londrina-PR e foi nomeado bispo da Prelazia de Itaituba-PA no dia 08/12/2010, sua ordenação episcopal ocorreu no dia 19 de março de 2011, em Paranavaí.

⁷ Dados coletados em entrevista realizada dia 06/03/2014, com Georg Karl Brodka.

Foerst⁸. É um texto peculiar, pois tem um conteúdo que foge das características presentes nos demais textos. Sua característica estrutural é de um artigo, mas o conteúdo desperta no leitor curiosidade acerca de seu conteúdo, por se tratar de uma leitura com aspectos que mesclam fatos possivelmente ocorridos e narrativas com características fantásticas.

Provavelmente tenha sido essa a intencionalidade do autor ao produzir o texto: atrair a atenção para a região missionária. É um artigo de cinco laudas, no qual o autor narra várias aventuras pelas quais os missionários passaram na região missionária. A impressão que o texto oferece é dúbia, pois ao mesmo tempo em que aparecem situações que se aproximam do crível, em outros momentos aparecem situações que obviamente se distanciam da realidade.

Empatia de um historiador

A partir das descrições que li e reli – nas fontes- durante esses últimos quatro anos a respeito do processo de institucionalização do catolicismo em Paranavaí-Pr e região, me deparei inúmeras vezes tentando imaginar o quão majestoso e o quão assustador deveria parecer-lhes o cenário em questão. Talvez possa parecer uma atitude pretenciosa, no entanto, nas linhas abaixo tentarei realizar imaginariamente a viagem da Alemanha até o Brasil nos idos da década de 1950.

Imagino-lhes saindo da Alemanha, mas detidamente de Bamberg cidade que já naquele momento apresentava um cenário urbano com edificações que remontam a Idade Média, e mesmo nos lugares mais afastados a natureza não deveria parecer-lhes tão inóspita.

O embarque provavelmente foi

o momento de maior emoção, dar adeus ou um até breve a amigos, familiares, a comodidade emocional de viver em seu *habitat* cultural. E o que esperar do desconhecido, do devir? A longa viagem marítima os presenteou com o tempo necessário para refletir a respeito das mudanças que estavam logo ali, além do horizonte!

Mudanças essas, que nem a todos fascinaram, mas o que fazer se ao optar pela vida monástica, foi-lhes imposto o voto de obediência? O que os resta é aceitar com resignação a tarefa que lhes foram atribuídas e tentar executá-las sem maldizer a missão.

Pensaria Frei Alberto, avisto meu destino, ó Brasil, Rio de Janeiro que cidade linda, pena não ser meu ponto de parada, ainda sigo viagem, me espera com euforia meu companheiro Frei Ulrico na doce Paranavaí...conforme vou me afastando da cidade maravilhosa e adentrando no país, rumo a meu destino, observo que a paisagem urbana vai cedendo espaço a grandes extensões desabitadas que hora ou outra me surpreende pela erupção de uma cidade.

Chego a Jacarezinho-PR, sou recebido pelo bispo de minha nova diocese Dom Geraldo Sigaud⁹, para minha surpresa falava alemão, que felicidade a minha, seguimos viagem, Paranavaí é meu destino. A paisagem muda, longo trecho sem pavimentação, Maringá...se aproxima meu destino. A mata virgem se torna mais frequente, já não existe sinal de pavimentação, apenas um rastro de poeira deixado para trás que vai marcando o caminho que percorro. Não há sinal de vento, olho para trás e a poeira não se desfez, como se ela quisesse mostrar o caminho de volta.

Paranavaí, o motorista para em

⁸ É também de autoria de Frei Alberto o livro “*Erinnerungen eines Brasilien-missionars*” (2012), livro de 64 páginas que todavia não foi traduzido para português.

⁹ Dom Geraldo Sigaud S.V.D., foi o terceiro bispo da Diocese de Jacarezinho, tomou posse no dia 04 de maio de 1947, em 1961 foi nomeado Arcebispo de Diamantina, tomando posse em 16 de abril de 1961. (CHIQUEM, 2005, p. 150)

frente a um casebre de madeira com uma cruz no teto, deduzo se tratar de minha nova igreja, desço olho ao meu redor e as poucas casas existentes são todas de madeira, olho para o chão e vejo uma terra vermelha...o vermelho me recorda sangue, dor, desafios... Aí vem Frei Ulrico alegre a me salutar...

Peripécias missionárias

Pensar o cotidiano de um trabalho missionário pressupõe atentar-se para o número de batismos, catequisados inscritos, o aumento da construção de novas capelas e igrejas. Não menos importante seria abordar a fundação de uma escola, para assim ensinar as crianças o quão importante seria manter-se nos ensinamentos pregados pela Igreja.

Em contrapartida, o conteúdo desse artigo em específico envereda por outras situações que não tem como ponto principal a evangelização, mas sim as peripécias fantasiosas de alguém que esta extasiado com o mundo que lhe está sendo apresentado.

Nesse sentido, a primeira passagem que nos despertou atenção no artigo intitulado "Algumas aventuras dos missionários de Frei Alberto, faz referências as visitas pastorais:

Os preparativos, que se deve fazer para uma viagem missionária, são iguais aos de uma pequena expedição, pois não é fácil orientar-se sozinho na mata e prever todos os acontecimentos. Primeiramente é preciso fixar o itinerário. [...] Entretanto nem sempre é possível evitar que às vezes erremos nosso destino e cheguemos alguns metros ao lado, pois os mapas aqui não são tão exatos como na Alemanha. [...] Com grande prudência devemos trabalhar para encontrar boa recepção junto aos índios. Através de presentes podemos conquistar a simpatia do cacique da tribo, pelo menos na maioria dos casos, e assim acabamos tendo um

trabalho mais fácil. Um presente muito cobiçado é a caneta-tinteiro. Mesmo que eles não saibam escrever, é um bonito ornamento para o colar e de mais a mais ainda dá a impressão de que eles aprenderam a arte de escrever¹⁰ (FOERST, 2001, p. 04-05).

No que tange a questão indígena, na década de 1950 na região noroeste existiam algumas tribos indígenas de etnia Guaraní-Kaiowá¹¹, que com o crescente povoamento foram empurradas para as proximidades do Rio Ivaí, especificamente para o estado do Mato Grosso do Sul. No entanto, para chamar a atenção dos leitores da revista, fazer referência a catequese indígena possivelmente foi uma estratégia encontrada pelo missionário para despertar interesse na leitura de sua narrativa.

De acordo com a pesquisa realizada, não encontramos vestígios que os missionários tenham trabalhado com evangelização de indígenas em Paranavaí. Entretanto, a partir de 1985, quando ocorre a transferência de Frei Alberto a Dourados, esse religioso passou a ter contato e estreitamento com populações indígenas. Contrastando com outro documento escrito por Frei Ulrico: "O destino dos índios" notamos que havia um relevante número de indígenas na região, mas não existe relatos de evangelização destes pelos carmelitas:

Quando sete anos atrás aceitei a região missionária de Paranavaí, havia ainda alguns índios aqui na região. Por causa da afluência em massa de colonos, eles se retiraram

¹⁰ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: "Noch ein Missionsbericht."

¹¹ Para maiores informações consultar: MOTA, Lúcio Tadeu. As populações indígenas Kaiowá, Kaingang e as populações brasileiras na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi. Universidade Federal do Grande Dourados. Fronteiras: Revista de História, Dourados MS, v.9, n.16, jan./jul. 2007.

para a floresta do outro lado do rio Ivaí. Como os índios usam ainda sua própria língua é extremamente difícil a evangelização. Tempos atrás um capuchinho decidiu dedicar-se completamente nesta tarefa. Mas não conseguiu porque não conseguia se fazer entender. Ele literalmente comprou um jovem índio de lá e na verdade pagou pelo índio o seu velho chapéu de aba larga como preço. No momento ele está em Paranavá e começou a fazer um dicionário da língua indígena perguntando por meio de sinais ao menino. Mais tarde ele quer novamente levar a estas criaturas o anúncio do evangelho. Será que ele vai conseguir? De todo jeito será um trabalho muito difícil (GOEVERT, [1957], 1992, p. 57).

Frei Ulrico realiza sua interpretação acerca da cultura indígena: “Eles vivem de maneira tão primitiva, que de uma própria cultura nem se pode falar” (GOEVERT, [1957] 1992, p.56). Levando-se em consideração que o religioso, tinha outros referenciais culturais ele olhava e apreciava os indígenas a partir de sua vivência. A crítica em relação a cultura indígena caminha no sentido da não aceitação dos costumes e práticas, pois a função dos missionários era evangelizar, levar a mudança do atual *status quo*, e a aceitação das práticas indígenas seria contrária aos projetos da missão.

Voltando a citação de Frei Alberto, de alguma maneira ela se aproxima da realidade, pois no noroeste do Paraná, naquele momento ainda existiam populações indígenas, mas o estreitamento com essa população foi ínfimo, já que em outros artigos não existe referência a evangelização de populações indígenas. Os missionários não tinham a incumbência de evangelizar índios; seu trabalho era o de aproximar uma comunidade que se autodenominava católica a um catolicismo mais próximo ao institucionalizado e portanto mais

próximo do que eles tinham por verdadeiro.

Ainda em relação as aventuras narradas, Frei Alberto expõe:

Na continuação da viagem pela floresta aconteceu um interessante, mas alarmante incidente. Um tamanduá obstruiu a estrada. Estes animais têm focinhos enormes com os quais chupam os formigueiros. São perigosos para as pessoas somente se as abraçarem com suas garras enormes. O astuto animal fingiu estar dormindo, atravessado na estrada. O que deveríamos fazer? Simplesmente passar por cima não poderíamos. Por isso saltamos do carro e nos aproximamos. Um de nós armou-se com a máquina fotográfica e o outro com um cacete. Logo que o tamanduá nos avistou, ficou de pé e queria nos pegar. Habilmente o cutucamos com o pau até que ele abraçou-se no mesmo, ficando preso. A foto mostra como o bicho comedor de formiga não largou o pau. Assim, tivemos novamente a estrada livre. Rapidamente montamos no jipe e pisamos no acelerador, afastando-nos daquela fera. A situação estava salva novamente O cigarro depois disso foi a melhor coisa da nossa vida¹² (FOERST, 2001, p. 07).

Essa passagem traz em seu conteúdo um misto de emoções, de fantasias que obviamente tem por alvo o público leitor da revista, possivelmente ao caracterizar a região missionária como um lugar que oferece perigo, que distancia-se da realidade cercana aos leitores e ao próprio missionário, houvesse a intenção de pedir auxílio material a seus compatriotas, ou talvez, a intenção fosse apenas relatar, ainda que de maneira turva, o ambiente sócio-ambiental da região missionária.

¹² Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Noch ein Missionsbericht.*”

Figura 01: “Tamanduá”



Fonte: FLICKR Dom Frei Wilmar Santin¹³.
<https://www.flickr.com/photos/wsantin/2305583786/in/set-72157603872906141>. Acesso em: 08/08/2017

O caso do tamanduá também desperta a atenção, pois temos a narração do encontro dos missionários com o animal. Não temos como atestar quais missionários faziam parte da “aventura”, mas o interessante é salientar que o fato ocorreu, pois ficou registrado na foto¹⁴. Portanto, mesmo que o fato não tenha ocorrido da maneira como foi narrado, o encontro com o tamanduá existiu.

Provavelmente a partir dessa situação vivenciada o missionário criou outras situações para dramatizar o cotidiano vivenciado na região missionária:

De repente houve uma interrupção: quase pisamos em cima de uma cobra! Ficamos parados como se tivéssemos raízes. Momentaneamente ninguém se mexeu, nem a cobra nem nós.

¹³

<https://www.flickr.com/photos/wsantin/2305583786/in/set-72157603872906141>

¹⁴ A foto que não está no compêndio “As aventuras de 3 missionários em Paranavaí” (2001), mas aparece no acervo (FLICKR) de Dom Wilmar Santin, intitulado “Fotos de Paranavaí que estão no Arquivo da Província Carmelita de Bamberg-Alemanha”. Wilmar Santin. *Paranavaí de antigamente*. Flickr, 2008.

<https://www.flickr.com/photos/wsantin/sets/72157603872906141/page6/>

Então veio o pensamento: quem é mais rápido, a cobra ou nós? Ela não parecia venenosa e até mesmo a achamos muito bonita. Era listrada em forma de anel com as cores preta, vermelha e branca por isso e por não sabermos seu nome, a batizamos como “cobra nazista”. Mais tarde descrevemos a cobra ao povo do lugar e só então ficamos sabendo quanto são perigosas essas serpentes. Elas não têm só as presas venenosas, mas também o rabo. Ali elas têm um espinho venenoso, e com isso podem defender-se bem. Se alguém pisar-lhe na cabeça para matá-la, ela chega com o rabo erguido e inocula seu veneno. Foi por causa disso que o réptil ficou tão quieto não se mexeu, quando quase pisamos nele. Mas homens que nem nós devem estar sempre preparados para tudo. Inteligentemente cada um pulou de um lado da cobra e ela ficou perdida, não sabendo qual dos dois morder. Com isso pudemos ganhar tempo e subir numa árvore. Assim mais uma vez nos salvamos de um perigoso animal. Em seguida fumamos novamente um cigarro. O passeio, para nós, logo seria passado¹⁵ (FOERST, 2001, p. 08).

Essa narrativa que descreve a aventura entre os freis carmelitas e a cobra, animal este tão repudiado em algumas passagens bíblicas, nos instiga a pensarmos as motivações que impulsionaram Frei Alberto a eleger essa narrativa de interpretação ambígua. É certo que havia uma grande quantidade de cobras na região de Paranavaí, até mesmo por suas características ambientais, já que se tratava de uma região que passava por um processo de desmatamento e consequente ocupação. Interessante notar a analogia que o religioso faz entre a cobra e as cores da bandeira da Alemanha nazista. Mesmo

¹⁵ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Noch ein Missionsbericht.*”

que o texto fosse uma mistura de ficção com fato ocorrido, Frei Alberto não conseguiu deixar de realizar a ligação entre o réptil e o nazismo. Coincidência?

Ao ler o livro, parece que estamos lendo uma narrativa de aventuras, no qual o perigo pode estar escondido em qualquer movimento. Perigo este que pode ser confundido com o que a natureza oferece, ou ainda com o que a falta de uma fé sólida poderia ocasionar.

Frei Alberto Foerst finaliza sua narrativa com a seguinte passagem:

Estas são em poucas palavras as emoções de apenas uma semana. Tudo o que está escrito acima não é nada mais do que brincadeira e também nós não temos tanto tempo disponível para tantas aventuras. Se apesar disso vocês estiverem interessados poderemos mais tarde contar outras histórias como essas.¹⁶ (FOERST, 2001, p. 08)

Acreditamos que a produção desse texto tenha sido uma estratégia (CERTEAU, 1994), para despertar no leitor alemão maior interesse pelo que ocorria na região missionária de Paranavaí. O fato de finalizar o texto dizendo que sua narrativa era uma brincadeira, poderia ter feito o leitor indagar: o que existe de verdade nessa narração e o que é ficção?

Encontramos vestígios de que, alguns dos fatos narrados possuem relevante verossimilhança, enquanto outros fogem totalmente da realidade como o episódio do barbeador:

Então fomos procurar uma das conhecidas e famosas árvores elétricas para ligar os barbeadores. A voltagem mais forte está na copa da árvore e termina nas raízes. A

voltagem exata 110 não há, por isso é necessário que um homem se pendure nos galhos da planta e assim pelo aumento do peso eleve ou abaixe a voltagem. A força da energia está subordinada ao atrito, que é provocado pelo vento no meio das folhas da copa da árvore. Fazer a barba era necessário, pois não poderíamos parecer bárbaros na benção da escola de uma cidade, que iria acontecer naquele dia¹⁷ (FOERST, 2001, p. 06).

Segundo Le Goff, “nenhum documento é inocente. Todos devem ser julgados” (2013, p. 108). Esse documento em especial ao longo do trato com as fontes sempre nos despertou a atenção, pois seu conteúdo difere dos demais. O fato de Frei Alberto finalizá-lo dizendo: “Tudo o que está escrito acima não é nada mais do que brincadeira e também nós não temos tanto tempo disponível para tantas aventuras” (2001, p. 08), nos remete a pensar: Por que mostrar a região missionária a partir da ficção? Pese que este é o segundo artigo escrito pelo missionário.

O frei realiza uma analogia com a figura do desbravador, que tem um espaço a ser aberto/desbravado, onde a natureza ganha feições mágicas, devendo ser vencida, assim como as intempéries que rondam o sagrado em Paranavaí, uma cidade para onde muitas pessoas estavam chegando para buscar melhorias de vida e uma instituição que estava também em processo de organização.

Uma segunda inquietação reside no fato de que o tradutor e organizador Dom Frei Wilmar Santin, tenha escolhido este artigo/crônica para abrir o compêndio. Qual seria o intuito?

Nesse sentido, segundo Le Goff:

Todo documento é um

¹⁶ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Noch ein Missionsbericht.*”

¹⁷ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Noch ein Missionsbericht.*”

monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estarem sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade (LE GOFF, 2013, p. 108).

Dessa maneira, a partir do exposto acreditamos que a produção dessa narrativa atípica tinha relação estreita com o momento e o novo contexto vivenciado pelo missionário, no entanto, sabemos que nenhuma narrativa é desprovida de interesses, e que as “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros; produzem estratégias e práticas [...]” (CHARTIER, 1990, p.17).

O enunciado vem a corroborar com nossa análise, pois essas narrativas ficcionalizadas e aparentemente desprovidas de interesses institucionais, tinham por intuito a partir de metáforas fazer com que os leitores da revista *Karmelstimmen* voltassem seu olhar seja por curiosidade ou compaixão para o desenvolvimento do projeto religioso iniciado em Paranavaí-PR. No caso específico de Frei Alberto nas entrelinhas de suas narrativas, podemos observar a maneira como ele concebe a região missionária de Paranavaí, aproximando-a de um lugar em que o perigo é um companheiro constante de suas ações.

Considerações finais

O texto escrito pelo religioso, a partir de suas características se distancia de um artigo ou de um texto meramente informativo, o texto em si se aproxima do gênero literário crônica. O texto é curto, e narrado na primeira pessoa do plural, além de constatarmos que existe um diálogo entre o escritor e o leitor com

traços humorísticos.

A partir do narrado acreditamos, que ao mesclar fatos ocorridos e ficção o missionário tinha o intuito de sair da rotina de informações que faziam referência ao trabalho apostólico e tudo o que ele requiere, e mostrar a região missionária desde uma outra perspectiva.

Esse olhar ficcionalizado com características fantásticas, dá ao missionário poderes heroicos, pois o desbravador tanto no sentido material, quanto espiritual, é aquele que é lembrado, homenageado. E apesar do texto não ter fundamentação histórica seu conteúdo traz nas entrelinhas os perigos aos quais estes estavam a mercê.

Referências

- BRODKA, Georg Karl. Entrevista realizada dia 06/03/2014.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Portugal: Tipografia Guerra. 1990.
- CHIQUIM, Carlos Alberto. **CNBB no Paraná e a história da evangelização**. Curitiba: Instituto Gaudium de Proteção a Vida, 2005.
- FOERST, Frei Alberto. Algumas aventuras dos missionários. In: FOERST, Alberto, et al. **As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí**. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p.04-08. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01/08/ 2017.
- FOERST, Alberto, et al. **As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí**. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/> Acesso em: 01/08/ 2017.
- GOEVERT, Frei Ulrico. **História e memórias de Paranavaí**. Trad. e notas Frei Wilmar Santin, O Carm. Paranavaí: Livraria Nossa Senhora do Carmo, 1992.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411840&search=|_infogr%E1fi cos:informa%E7%F5es-completas. Acesso

15/08/2017.

KNOBLAUCH, Frei Joaquim. **Os vinte cinco anos dos carmelitas da Província Germaniae Superioris no Brasil.** Trad. Frei Wilmar Santin. Disponível em:<http://www.ocarm.org/books/content/os-25-anos-dos-carmelitas-da-prov%C3%ADncia-germaniae-superioris-no-brasil>. Acesso 15/08/2017

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As populações indígenas Kaiowá, Kaingang e as populações brasileiras na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi.** Universidade Federal do Grande Dourados. *Fronteiras: Revista de História*, Dourados MS, v.9, n.16, jan./jul. 2007